

Biblioteca **Álvaro Magalhães**

O senhor do seu nariz e outras histórias



*ilustrou
João Fazenda*

The Master of His Nose
and other stories

by Álvaro Magalhães

60 pages
207x207mm

ASA



O senhor do seu nariz

Custou-me muito nascer. Estava tão bem desnascido, aconchegado, sem ter nada que fazer. Mas tinha de ser.

Foi então que apareceu a fada. Tinha duas asas fininhas que a mantinham no ar e trazia uma saia cor-de-rosa, muito rodada, que já não se usava.

Não foi convidada mas apareceu. Foi o que lhe deu. Pousou a mão na minha testa e disse:

– A vida deste rapaz vai dar para o torto.

– Não diga isso – pediu a minha mãe, muito aflita.

– Digo, pois – voltou a fada. – Ele terá um nariz do tamanho de um chouriço. Por isso...

E foi mesmo isso que aconteceu. O tempo ia passando e o meu nariz crescia mais depressa do que eu. Quando parei de crescer tinha um nariz a perder de vista, mas continuava otimista. Um nariz do tamanho de um chouriço? Podia ser pior, dizia eu. E agora pergunto: não era pior se fosse do tamanho de um presunto?

Era desagradável ser tão diferente do resto da gente, mas que havia de fazer se era esse o meu destino? Quanto ao meu nariz imponente, também era pesado e obrigava-me a andar inclinado para a frente. Tinha dores nas costas desde pequenino.

The master of his nose

It was very hard for me to be born. I was so happy unborn, cozy, with nothing to do. But I had to.

It was then that the fairy appeared. She had two thin wings that kept her in the air and she wore a very wide and outdated pink skirt.

She wasn't invited, but came anyway. She just decided to. The fairy put her hand on my forehead and said:

'This boy's life will go awry.'

'Don't say that,' asked my mother, very worried.

'I do say that,' replied the fairy. 'His nose will be the size of a sausage. So...'

And that is exactly what happened. Time went by and my nose grew faster than me. When I stopped growing, my nose was beyond sight, but I was still optimistic. A nose the size of a sausage? It could be worse, I said. And now I ask: wouldn't it be worse if it was the size of a ham?

It was unpleasant to be so different from everybody else, but what could I do if that was my destiny? As for my prominent nose, it was also heavy and made me walk leaning forward. My back ached since I was a little boy.

Custa a acreditar, mas é verdade. Aliás, bastava-me cheirar quando estava esfomeado. Fechava os olhos e para ali ficava, a saborear aquilo de que mais gostava. Chegava a ficar enfartado.

Porém, nem tudo corria bem. Com um nariz tão grosso e tão comprido, nunca passava despercebido. Estavam sempre a olhar para mim e a apontar-me um dedo. E as crianças fugiam quando me viam, cheias de medo. Os outros também. E não era esse o único inconveniente. Também derrubava as pessoas quando me virava de repente. Talvez por isso, pouca gente se chegava a mim, ou passava perto, e sítio onde eu chegasse logo ficava deserto.

As pessoas diziam que eu metia o nariz em todo o lado, mesmo onde não era chamado. Ninguém gostava. Mas que havia eu de fazer? Ele era o primeiro a chegar. E cheirava, cheirava. Ficava logo a saber se as pessoas tinham tomado banho naquele dia, ou mudado a roupa interior, o que tinham almoçado e por onde tinham andado. Se não estivesse constipado e a fungar era até capaz de cheirar o que elas estavam a pensar. O problema, diziam as pessoas, não era ser do tamanho de um chouriço. Era ele ser metedizo.

Eu é que tinha de o carregar, de espantar os pássaros que nele pousavam e os ratos que o queriam roer, à noite, sem saberem que me estavam a roer a mim, e os outros é que se queixavam, mas enfim.

10



Estava visto que o mundo não era feito para gente com um nariz assim, do tamanho de um chouriço. Por isso, fui-me afastando e acabei a viver sozinho no cimo da serra, numa velha casa abandonada. Foi por acaso que dei com ela. Mas era tão pequena que a ponta do meu nariz ficava fora da janela. Passava o inverno coberto de neve.

A minha vida estava mesmo a dar para o torto. Como dissera a fada. Mas eu não me queixava. E não desistia nem desanimava. Não tinha nada de meu, só era senhor do meu nariz, e, mesmo assim, era feliz.

11

It's hard to believe, but it's true. Actually, I just needed to smell when I was hungry. I'd close my eyes and stay there, relishing on what I liked the most. I would even feel full. However, not everything was ok. With such a large and long nose, I never went unnoticed. People were always staring at me and pointing a finger. And children ran away in fear when they saw me. Everyone else too. And that was not the only inconvenience. I also knocked people down when I turned suddenly. Maybe because of that, few people came near me or passed close by, and everywhere I went would immediately be deserted.

People said that I always poked my nose everywhere, even in someone else's business. No one liked it. But what could I do? It was the first to arrive. And it smelled, and smelled. It would immediately know if people had taken a bath that day, or changed their underwear, what they'd had for lunch and where they had been. If it didn't have a cold and wasn't sniffing, it could even smell what they were thinking. The problem, people said, was not that it was the size of a sausage, but the fact that it was meddlesome. I was the one who had to bear it, to scare the birds that perched there and the mice that wanted to gnaw at it during the night not knowing they were gnawing on me, and everyone else complained, not me, but whatever.

It was clear that the world wasn't made for people with such a nose, a nose the size of a sausage. So I gradually withdrew from society and ended up living alone at the top of the mountain, in an old abandoned house. I came across it by chance. But it was so small that the tip of my nose was outside the window. Spent the winter covered in snow. My life was truly going awry. Just like the fairy had said. But I didn't complain. And I didn't give up or lose courage. I didn't have anything of my own. I was only the master of my nose. But I was still happy.



E não era em todo o lado que cabíamos os dois. Havia sítios onde só ele ia. Eu esperava, cá fora. Ou vice-versa. Tanta vez que isso aconteceu: ou entrava ele ou entrava eu. E não era só isso. Ele chegava antes de mim a todo o lado. Quando eu entrava já ele tinha lá estado. Era aborrecido, não digo que não, mas habituei-me, que a gente habitua-se a tudo. Até a um nariz do tamanho de um chouriço. Por isso...

Aliás, também havia coisas que corriam bem e chegavam para me fazer feliz. Nas corridas, por exemplo, ganhava sempre por um nariz. E, claro, cheirava como ninguém, pois então. As pessoas cheiravam o mar, os bosques e as flores, eu cheirava o mar, os bosques e as flores, como nem o mar, os bosques e as flores sabem que são. Mas havia mais: para saber o que estava a acontecer bastava-me cheirar. E sabia o que em cada casa, nesse dia, havia para o jantar. Se me esforçasse e cheirasse mais forte, mais fundo, era capaz de perceber o que alguém estava a fazer num recanto qualquer do outro lado do mundo.

And there wasn't enough room for both of us everywhere we went. There were places where only he would go in. I'd wait outside, or vice versa. That happened so many times: either he or I would go in. And it wasn't just that. My nose would always get in before me everywhere we went. When I would get in, he'd already been there. It was annoying, I can't deny that, but I got used to it because one gets used to everything. Even to a nose the size of a sausage. So... Besides, there were also things that went well and were enough to make me happy. For instance, I would always win by a nose in races. And my sense of smell was unrivalled, of course. People could smell the sea, the woods and the flowers, but I could smell the sea, the woods and the flowers in a way that not even they knew they smelled. However, there was more: all I had to do was to smell in order to know what was going on. And I knew what was dinner in each house every day. If I worked harder and smelled more vigorously and deeply, I could know what someone was doing in a corner somewhere on the other side of the world.

Até que, certa manhã, apareceu lá em cima o carteiro da cidade. Ia levar uma carta, já não sei de quem porque ninguém me escrevia.

- Como vai a vida lá em baixo? - perguntei.
- Vamos andando. Tudo normal.
- Eu sei. Perguntei por perguntar. É vontade de falar. Porque isso sei eu. Olhe, agora mesmo, sabe o que está a acontecer?



O carteiro sorriu. Como havia ele de saber? Eu prossegui:

- Está um bolo de mel e nozes a queimar no forno, ali para os lados da Praça das Flores. Acho que é para aí...
- Como é que sabe?
- Cheira-me a queimado para esse lado.
- Às tantas é a minha mulher. Não tem cuidado. O carteiro pôs logo os pés ao caminho.



Until the town mailman showed up there one morning. He was bringing a letter, I no longer remember from whom because no one would write to me. 'How's life down there?' I asked. 'Fine. All's well.' 'I know. I was just asking. Need to talk. Because I know that. Look, do you know what is happening right now?'

The mailman smiled. How would he know? I continued: 'There's a honey and nuts cake burning in the oven, near Flowers Square. I think it's in that area...' 'How do you know?' 'I can smell burning over there.' 'Maybe it's my wife. She's careless.' The mailman immediately headed home.